

Investigação histórica

Relevância e estratégia metodológica nas ciências do movimento humano

Airton Negrine*

1. PRELIMINARES E FINALIDADES

A análise retrospectiva sobre os cursos de strito sensu no Brasil, na área de Educação Física e Desporto, permite verificar que os programas de mestrado e doutorado são ainda bastante recentes, e ainda, em números reduzidos. Os programas existentes até o momento estão concentrados nos Estados de São Paulo (3), Rio de Janeiro (1), Minas Gerais (1), Santa Catarina (1) e Rio Grande do Sul (2).

O panorama atual limita, de certa forma, as oportunidades para esse de tipo formação acadêmica, se consideramos somente o número de professores que atuam em cursos superiores nessa área. Não é nossa pretensão analisar, neste momento, as questões mais profundas decorrentes dessa limitação de oportunidades, mas registrar que a demanda de candidatos é bem maior que as ofertas nos cursos de strito sensu, sem considerar ainda aqueles que gostariam de realizar cursos dessa natureza, mas que o empecilho maior é ter que se deslocar de uma cidade à outra, ou de um estado a outro, agregado aos custos financeiros desses cursos.

Essa situação analisada a partir das exigências e dos prazos estabelecidos pelo Ministério de Educação, em termos de qualificação docente para atuar em nível do ensino de 3º grau, é pelo menos incompatível. A perdurar esse quadro, com o passar do tempo, teremos um desequilíbrio cada vez maior entre as universidades e faculdades brasileiras em termos de qualificação docente, tomando como referência apenas o quesito relacionado com

as titulações de mestres e doutores. Por exemplo, os professores dessa área de conhecimento que atuam nas universidades e faculdades isoladas das regiões Norte e Nordeste do País, até o momento, não têm as mesmas oportunidades para realizarem cursos dessa natureza, sem que, para isso, tenham que se deslocar da sua sede, o que implica em uma série de despesas extras e alteração total de rotina.

É evidente que os critérios que norteiam a implantação de mestrados e doutorados estão cada vez mais rigorosos, face às exigências atuais da CAPES. Se, por um lado, pode ser considerado como um fator positivo, o rigor para implantação e avaliação desses programas que são destinados a produzir conhecimentos de cunho científico, por outro lado, provoca cada vez mais um distanciamento ao acesso à qualificação de docentes universitários de determinadas regiões do Brasil.

Somos otimista com relação aos nossos compatriotas das regiões que, no momento, não estão contempladas com cursos de mestrado e doutorado na sua sede, acreditando que os esforços que muitos professores dessas regiões estão fazendo para se qualificarem, no Brasil ou no exterior, possam, num futuro próximo, constituir uma massa crítica que os permita implantar em suas universidades programas desse quilate, o que viria alavancar processos de desenvolvimento na área e que, com certeza, será muito salutar ao meio científico da Educação Física e Desporto no Brasil.

Sabemos também que, no momento, alguns docentes que detêm alta qualificação aca-

...os critérios que norteiam a implantação de mestrados e doutorados estão cada vez mais rigorosos, face às exigências atuais da CAPES.



dêmica nessas regiões vêm levando a cabo estudos muitos significativos, contribuindo, de certa forma, através de suas publicações, para uma reflexão mais abrangente sobre as ciências do movimento humano.

Quando dissemos que os cursos de mestrado e doutorado na área de Educação Física são recentes, estamos nos reportando a dados históricos. O Quadro 1 mostra quando foram implantados e a denominação dada aos programas.

Os oito cursos relacionados são aqueles que tiveram avaliação da CAPES no biênio 96/97, e os dados históricos evidenciam que o curso mais antigo de mestrado é o da Universidade de São Paulo, que atualmente tem 21 anos de existência, sendo que 50% dos cursos têm menos de dez anos de existência. No que tange aos cursos de doutorado, apenas 50% das universidades relacionadas implantaram até então programas nesse nível, sendo que o mais antigo ainda não completou dez anos de existência. Essas informações confirmam a jovialidade dos programas e, também, atestam que nessa área emergente do conhecimento muitos passos ainda precisam ser dados para que possamos avançar cada vez mais para consolidar as áreas de concentração e linhas de pesquisa.

Outro aspecto que merece destaque, quando o assunto é o strito sensu em Educação Física no Brasil, diz respeito a denominação dos programas. Dos oito programas atualmente em funcionamento, cinco são em Educação Física, dois em Ciências do Movimento Humano, e um, em Ciências da Motricidade. As diferenças parecem não estar apenas nas denominações dos programas, mas também na abrangência, uma vez que os programas em Ciências da Motricidade e em Ciências do Movimento Humano apresentam um leque mais aberto de opções, seja na definição do perfil dos candidatos, oportunizando acesso às pessoas oriundas de outras áreas do conhecimento interessadas em estudar o movimento humano ou aspectos relacionados a motricidade em geral, seja no desenho de projetos com abrangência que extrapolam os estudos sobre as vertentes históricas da Educação Física.

Entretanto, se forem analisadas todas as dissertações e/ou teses até então produzidas nos programas que têm como denominação Educação Física, com certeza iremos encontrar muitos trabalhos que se enquadram na dimensão dos programas anteriores. As diferenças entre esses programas podem ficar ainda mais evidentes, se analisados em relação as áreas de concentração, subáreas e linhas de

Quando dissemos que os cursos de mestrado e doutorado na área de Educação Física são recentes, estamos nos reportando a dados históricos.

QUADRO 1. *Implantação e denominação dada aos programas.*

Universidade de São Paulo Curso: <i>Educação Física</i>	Mestrado: início: 1977 Doutorado: início: 1989
Universidade Federal de Santa Maria/RS Curso: <i>Ciências do Movimento Humano</i>	Mestrado: início: 1979 Doutorado: início: 1991
Universidade Gama Filho Curso: <i>Educação Física</i>	Mestrado: início: 1985 Doutorado: início: 1994
Universidade de Campinas Curso: <i>Educação Física</i>	Mestrado: início: 1988 Doutorado: início: 1993
Universidade Federal do Rio Grande do Sul Curso: <i>Ciências do Movimento Humano</i>	Mestrado: início: 1989
Universidade Federal de Minas Gerais Curso: <i>Educação Física</i>	Mestrado: início: 1989
Universidade Estadual de Rio Claro/SP Curso: <i>Ciências da Motricidade</i>	Mestrado: início: 1991
Universidade Federal de Santa Catarina Curso: <i>Educação Física</i>	Mestrado: início: 1996

pesquisa. Ocorre que essa dimensão ampla e abrangente acaba tendo implicações na avaliação dos programas, assunto que deveria ser muito mais debatido entre os docentes e orientadores envolvidos.

Embora considerando a jovialidade dos programas de mestrado e doutorado em Educação Física no Brasil, entendemos que seria oportuno estimular estudos de perspectiva histórica. Nesse sentido, o trabalho que vem sendo realizado pela Escola de Educação Física de Uberlândia, em Minas Gerais, além de ser pioneiro, também é inovador, uma vez que conseguiram implantar um banco das dissertações e teses produzidas nos cursos de strito sensu em Educação Física no Brasil. Essa iniciativa favorecerá, de certo modo, todos aqueles que queiram fazer estudos desde uma perspectiva histórica.

A Educação Física por estar enquadrada na Grande Área de Conhecimento de Ciências da Saúde, segundo a classificação do CNPq, é provável que, por vocação histórica, tome como referência o modelo biomédico, determinando uma acentuada produção de trabalhos desde uma perspectiva positivista, centrada nos métodos experimentais e descritivos. Nossa abordagem não é de crítica à aqueles que adotam ou orientam a partir desses modelos, mas para chamar a atenção para a relevância de se estimular estudos dentro de uma perspectiva histórica sobre as diferentes vertentes de Educação Física, uma vez que isso irá possibilitar um conhecimento mais profundo das origens, evoluções e das mutações ocorridas no tempo. Com certeza, estudos desenhados nessa dimensão servirão para provocar uma reflexão mais profunda e mais consistente para se entender o presente e, quem sabe, para prever-se tendências futuras, aspectos esse que hoje em dia tanto se fala, sem demonstrar os pilares que sustentam tais argumentações.

Percebe-se, entretanto, que alguns programas oferecem linhas de pesquisa direcionadas à produção histórica na Educação, Física, Esporte e Lazer ou do Movimento Humano, o que, de certa forma, caracteriza a preocupação de alguns orientadores em estimular estudos dentro dessa perspectiva.

Sem pretender fazer uma análise retros-

pectiva do produto que o curso de strito sensu na área de Educação Física até o momento produziram, uma vez que esse não é o propósito deste artigo, queremos chamar a atenção para a importância da pesquisa histórica como alternativa metodológica de investigação. Das dissertações e teses até então produzidas nos programas, tomando-se como indicadores os trabalhos apresentados em congressos e publicações em periódicos, percebe-se uma preferência marcante na adoção do paradigma quantitativo em relação ao paradigma qualitativo, embora a opção por um ou outro, na nossa forma de pensar, deve estar diretamente relacionado ao que se pretende investigar. Se o paradigma quantitativo oferece como opções os modelos experimental e descritivo, fundamentalmente, o paradigma qualitativo oferece como opções os modelos com aproximações e técnicas de etnografia, descritivas-exploratórias, hermenêutica, fenomenologia, observação participante, entre outras.

Por outro lado, podemos situar como opção metodológica de investigação a pesquisa histórica que tem objetivos e finalidades muito próprias, e que requer um desenho com estratégias que permitam o investigador caminhar de forma segura para obter seu intento. A pesquisa histórica pode situa-se dentro de uma perspectiva metodológica de cunho dialético, como salienta Vygotski, uma vez que a dialética abarca estudos sobre a natureza, o pensamento e a história.

Nossa motivação pelo assunto, fato que nos impulsionou a escrever sobre o tema, tem uma dupla origem. Em primeiro lugar, por atuar como professor de metodologia científica no programa de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS, tarefa que viemos realizando a quatro mãos, dividindo essa disciplina com o professor Adroaldo Gaya. Esse mais incumbido de trabalhar questões pertinentes aos modelos quantitativos e, eu, direcionando as informações aos modelos qualitativos. Essa tarefa acadêmica, feita em parceria com esse companheiro, tem sido muito produtiva e de aprendizado permanente, uma vez que o dimensionamento metodológico é de singular importância no desenho dos projetos que vão sendo elaborados e levados a cabo pelos mestrandos do programa.

A Educação Física por estar enquadrada na Grande Área de Conhecimento de Ciências da Saúde, segundo a classificação do CNPq, é provável que, por vocação histórica, tome como referência o modelo biomédico, determinando uma acentuada produção de trabalhos desde uma perspectiva positivista, centrada nos métodos experimentais e descritivos.

Em segundo lugar, foi a oportunidade que tive ao orientar a dissertação de Regina FonticIELha De Rose, que, com um desenho de perspectiva histórica, realizou um estudo interessante sobre "A influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no Estado do Rio Grande do Sul", concluindo seus estudos em dezembro de 1996. Essa incumbência acadêmica nos levou a estudar com mais profundidade essa opção metodológica, momento em que fizemos um rastreamento de estudos realizados com esse desenho. Não obstante, em 1987, no programa de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal de Santa Maria, o professor Paulo Gilberto Oliveira já havia produzido um trabalho de perspectiva histórica sobre "A imigração alemã e a introdução do punhobol no Rio Grande do Sul", trabalho que colocou de manifesto fatos interessantes sobre essa influência desportiva que a colonização alemã teve em nosso estado.

Outros mestrados de nosso programa começam a se interessar por estudos dentro dessa perspectiva, e isso nos tem levado a estudar e reflexionar sobre as estratégias que se ajustam a estudos dessa natureza. Dito isso para situar o tema, e sem ter a pretensão de dar receituário àqueles interessados em utilizar a perspectiva histórica como método de investigação, passamos a apresentar algumas questões que acreditamos que podem ajudar no desenho de um projeto.

2. OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS DA PESQUISA HISTÓRICA

Durante vários séculos, os historiadores ignoraram os métodos e se dedicavam a escrever a história para perpetuar o Estado e a Igreja e não com o intuito de buscar a verdade objetiva dos acontecimentos passados. Numa análise crítica mais recente, Ariès destaca que faltava aos historiadores da primeira metade do século XIX um método crítico capaz de estabelecer uma documentação mais segura. Ensina que, para se alcançar uma concepção mais válida da História, doravante definida como curiosidade intelectual, faltava o método científico.

Atualmente, os historiadores tratam de

recriar as experiências passadas da humanidade, procurando não despistar os fatos e as condições reais de uma determinada época. O historiador fala do passado, busca comprová-lo através de documentos (arquivos) etc., busca analisar o tempo e a memória como sustenta Gauer ao afirmar que tempo e memória constituem-se em objetos históricos indispensáveis. Essa autora sustenta ainda que a história é uma questão de escrita, a função intelectual ganha importância, a começar pela linguagem e pelas formas desreguladoras que se vão construindo com muros a separar o artifício do artificial¹.

A estratégia metodológica utilizada na investigação histórica não está limitada a determinadas áreas do conhecimento como aconteceu no passado, mas, sim, a toda gama de indagações que sejam viáveis de serem investigadas através dessa opção metodológica.

Como sugere Borges, a pesquisa histórica se faz inicialmente por intuição, buscando rastrear os fatos por caminhos diversos, mas depois cada nova fonte consultada deve ser aproveitada como orientação para o passo seguinte, até se construir os fatos que geram a memória. Em outras palavras, as informações que vamos buscando poderão ser muito úteis para programar o passo seguinte, ou até mesmo, para definir por que trilhas temos que seguir para construir e compreender os fatos.

Analisemos um pouco as idéias de Ariès no que se refere à pesquisa histórica. Sustenta o autor que não é apenas a sua incapacidade de experimentar que distingue a História das ciências exatas, mas também a própria natureza das investigações, uma vez que é a noção do fato histórico que se encontra na base de sua concepção e do seu método.

O fato dos historiadores, na opinião de Ariès, define-se por três preocupações:

- a) o estabelecimento dos fatos;
- b) a continuidade dos fatos estabelecidos,
- c) a explicação dos fatos encadeados.

Quanto ao estabelecimento dos fatos, significa que devemos reconstituir o fato me-

Atualmente, os historiadores tratam de recriar as experiências passadas da humanidade, procurando não despistar os fatos e as condições reais de uma determinada época.

diante o recurso aos documentos contemporâneos e mediante à interpretação crítica. É o trabalho que se faz sobre os textos, o mais perto possíveis das fontes. O documento original, qualquer que seja, porque é uma testemunha, contém demasiada seiva para que se consiga esgotá-lo por completo.

O fundamental, nesse caso, é o conjunto complexo do testemunho, e não o fato que o historiador crê deduzir dessa matéria viva. O fato está no historiador, mas não estava antes dele no documento: é uma construção do historiador. Ariès enfatiza que a partir do momento em que o fato é assim definido e estabelecido, isola-se e torna-se abstração.

Quanto à continuidade dos fatos estabelecidos, significa que o historiador deve reuni-los numa ordem que reconstitua a continuidade da duração, sempre levando em consideração que o tempo histórico, tal como vivemos não se reduz a uma sucessão de fatos, por numerosos que seja. O tempo histórico como pensa Ariès não é uma infinidade de fatos, como a reta geométrica é uma infinidade de pontos.

A explicação dos fatos diz respeito à síntese e análise que devem caminhar juntas, apoiando-se uma à outra. A explicação dos fatos, da maneira como decorrem uns dos outros, tal é com efeito o último recurso do historiador no sentido de os ligar entre si de outro modo que não seja apenas uma simples sucessão cronológica. Ariès arremata dizendo que o verdadeiro objeto da História reside na tomada de consciência do halo que particulariza um momento do tempo, uma vez que o desconhecimento da natureza estética da História provoca nos historiadores uma descoloração completa dos tempos que se propuseram evocar e explicar.

Uma investigação histórica caracteriza-se, ainda, por ser um estudo que busca encontrar respostas a uma indagação a partir de fontes documentais, análise de objetos, se for o caso, e de testemunhos pertinentes ao assunto em questão.

O desenho metodológico nesse tipo de investigação pode seguir as seguintes etapas:

1. Formular o problema;
2. Selecionar o material pertinente à temática a ser estudada;
3. Verificar existência de testemunhos oculares (definir as estratégias para colher as informações: entrevistas, questionários e outras formas que ampliem a busca de informações);
5. Analisar de forma crítica o material coletado;
6. Formular hipóteses para explicar os diversos fatos ou condições;
7. Estabelecer, se for o caso, categorias de análise (nesse caso, pode ser importante utilizar análise de conteúdo);
8. Interpretar as descobertas e redigir as conclusões do estudo (se for o caso, formular teoria para explicar a compressão dos fatos)

Essas etapas podem ser desdobradas como forma de definir os passos que devem ser seguidos, ou ainda, acrescentar outras, conforme as peculiaridades do estudo que se pretende desenvolver. Para dar uma visão ao leitor de alguns aspectos relevantes que devem ser considerados no desenho de uma pesquisa histórica, passamos a tecer alguns comentários sobre cada uma das etapas anteriormente relacionadas.

2.1. Formulação do Problema

A investigação histórica inicia quando se procura entender algum fato, desenvolvimento ou experiência passada. Para realizar esse tipo de estudo, o pesquisador não pode ter uma noção apenas geral, vaga ou confusa do problema. Deve ter uma visão mais ampla sobre a temática, estar, de certa forma, familiarizado com tema, que retrate uma história prévia, ou seja, que já tenha realizado leituras sobre o assunto e esse tenha lhe despertado motivações para aprofundar conhecimentos. O sucesso da investigação está diretamente relacionado com a motivação do pesquisador em buscar informações pertinentes ao tema esco-

A investigação histórica inicia quando se procura entender algum fato, desenvolvimento ou experiência passada. Para realizar esse tipo de estudo, o pesquisador não pode ter uma noção apenas geral, vaga ou confusa do problema. Deve ter uma visão mais ampla sobre a temática, estar, de certa forma, familiarizado com tema, que retrate uma história prévia, ou seja, que já tenha realizado leituras sobre o assunto e esse tenha lhe despertado motivações para aprofundar conhecimentos.

lhido, portanto, ao formular o problema, é recomendável uma reflexão sobre o que nos impulsiona a realizar o estudo.

Para dar continuidade às suas pretensões, o pesquisador deverá certificar-se:

1º) se o problema poderá ser respondido mediante esse método de indagação;

2º) se o problema poderá ser respondido mediante as fontes documentais e de testemunhos que irá dispor ou que terá acesso para realização o estudo.

Requer, portanto, que o investigador tenha algumas informações prévias que lhe permita levar avante sua idéia inicial. Sempre será arriscado desenhar um estudo dentro dessa perspectiva, quando não dispomos de informações que nos indique sua viabilidade, principalmente se consideramos que o estudo será feito como trabalho conclusivo de um programa de mestrado ou doutorado, uma vez que os prazos estão cada vez menos elásticos, balizados, de certa forma, pelos critérios de avaliação da CAPES. O que queremos destacar é que, quando elaboramos um projeto de investigação, deve-se considerar antes de tudo sua viabilidade de realização dentro dos prazos que dispomos.

2.2. Selecionar o material pertinente a temática a ser estudada

Nesse tipo de investigação, é fundamental que o investigador faça inicialmente uma primeira triagem do material selecionado para ser estudado, separando as *fontes primárias* das *fontes secundárias*.

As *fontes primárias* são as melhores provas disponíveis para análise, nesse sentido os critérios seletivos das informações que vamos estudar devem ser feitos com cuidado especial, sempre procurando classificá-las por ordem de importância. Nesse sentido, muitas vezes necessitamos de apoio externo, isto é, de pessoas ligadas a área de conhecimento que possam prestar informações que nos ajudem nesta tarefa inicial. Constitui-se fontes primárias:

a) obras escritas pelos pensadores que, com o passar do tempo, tornaram-se formadores de opinião. Inclui-se também aquelas que, com frequência, são referenciadas e reconhecidas pela comunidade científica em cada área de conhecimento. Dependendo do que se pretende estudar, nesse momento de análise documental é importante consultar arquivos e todo tipo de documento que trate do assunto.

b) objetos reais que foram usados no passado e que podem ser examinados de maneira direta pelo pesquisador.

Por exemplo, neste momento em que escrevo, lembro-me que, quando era criança, costumava ganhar de presente no Natal bola de futebol, pois, como todo menino nascido no Brasil, esse esporte historicamente exerce influência hegemônica. Ocorre que, naquela época, as bolas de futebol comercializadas eram de "tento", como costumava se chamar no sul do Brasil. A bola de tento tinha em um dos gomos um corte com vários furos de cada lado, isto é, local onde era colocado o pneumático. Esse tinha um bico, pelo qual a bola era enchida. Uma vez enchida, atava-se o bico, colocava-se para dentro do couro, e logo a engenharia era fechar a bola com uma tira de couro (essa se chamava tento), deixando-a mais redonda possível. Algumas, dependendo de quem as fechava, ficavam ovais, mas o mais pitoresco era quando jogávamos em dias de chuva, a bola inchava, isto é, ficava pesada, e se, por casualidade, ao chutá-la, o peito do pé batesse no lugar onde estava o tento, a dor era insuportável. Mesmo assim, não deixávamos de jogar com ela.

Esse parêntese que fizemos nesse momento, para falar da "bola de tento", associando-a a uma passagem de nossa infância, foi para destacar que um estudo histórico sobre o futebol, dependendo da perspectiva abordada, poderia ser relevante à análise dessa ferramenta, ímpar nesse esporte, analisando-a sua evolução no tempo.

c) depoimentos de testemunhas oculares dos fatos passados ou de pessoas que tenham ouvido falar deles. Nesse caso, quando o estudo permite que se colha informações através de depoimentos de testemunhas oculares, é reco-

As fontes primárias são as melhores provas disponíveis para análise, nesse sentido os critérios seletivos das informações que vamos estudar devem ser feitos com cuidado especial, sempre procurando classificá-las por ordem de importância.

mendável estabelecer as estratégias que serão adotadas para recolher as informações, seja através de entrevistas (estruturadas ou semi-estruturadas), seja através de questionários. Para tanto, é fundamental o estabelecimento de um roteiro que garanta que as informações serão relevantes para o estudo.

Às fontes secundárias sempre se recorre quando existe dificuldades de acesso às fontes primárias. A diferença fundamental entre uma fonte e outra é que quando consultamos fontes primárias estamos lendo o que o autor pensa sobre um determinado assunto. Quando consultamos fontes secundárias, estamos lendo a interpretação dada por aquele que escreve sobre um pensamento original. Constituem-se fontes secundárias:

a) relatos em enciclopédias, diários, publicações de periódicos ou de livros que analisam o pensamento de uma determinada fonte primária e outros materiais de consulta que podem indicar caminhos à elucidação dos fatos.

b) informações de pessoas que não observaram diretamente os fatos, objetos ou condição, mas que tiveram contato com pessoas que lhes passaram informações pertinentes ao assunto que está sendo averiguado.

O investigador, ao analisar se o desejo de pesquisa histórica é importante, deve ter presente algumas limitações no estudo de documentos, como, por exemplo:

1º) deve certificar-se que os documentos analisados são originais, quando se tratar de fontes primárias;

2º) deve ter presente que, quanto maior o número de interpretações que se interpõe entre o passado e o leitor, menos confiável é a prova, pelas distorções que podem sofrer as informações e os registros originais.

Mediante a **crítica externa**, o pesquisador verifica a autenticidade e a validade de um documento ou vestígio, portanto é necessário estar bem informado sobre a área que se propõe a investigar.

Mediante a **crítica interna**, procura de-

terminar o significado das informações que contêm nos documentos. Nesse caso, é mais fácil ler um documento "com os olhos do autor" se estamos familiarizado com o ambiente geográfico, social, religioso e econômico em que ele viveu. Essa é uma questão que não se pode perder de vista, é de fundamental importância para interpretação e atribuir significados. Nesse sentido, as reflexões de Cagigal são interessantes, quando diz que, ao traduzir um vocábulo de um língua à outra, compreende-se não apenas a dificuldade de adaptação dos termos, mas também a decantação em conceitos de diversas concepções culturais e científicas, que muitas vezes determinam quase a intradutibilidade de algumas palavras.

Conseqüentemente, na análise documental, principalmente quando a leitura é feita em outro idioma, é imperativo que se proceda à crítica interna como forma de ter presente que, ao traduzir determinados vocábulos, não houve decantação dos conceitos ao ponto de alterar os significados dado pelo autor consultado.

2.3. Verificar existência de testemunhos oculares

Num estudo de perspectiva histórica, dependendo da sua dimensão, além da seleção de material bibliográfico, é fundamental verificar a existência de testemunhas oculares para ampliar o espectro da coleta de informações. Nesses casos, o pesquisador deverá estabelecer algumas estratégias para tentar recolher informações dessas fontes.

Uma das questões que não deve ser esquecida, uma vez localizada algumas testemunhas oculares, diz respeito aos contatos preliminares com essas pessoas, oportunidade que se deve relatar o que estamos pretendendo estudar e, ao mesmo tempo, certificar-nos se elas estão de acordo em prestar informações.

Nessas situações, quando utilizamos a **entrevista**² como instrumento de coleta de informações, recomenda-se que, após registro das informações fornecidas, deve-se, num segundo momento, remeter as anotações ao informante, para verificar se está de acordo com o registros que fizemos, dando liberdade ao

Às fontes secundárias sempre se recorre quando existe dificuldades de acesso às fontes primárias. A diferença fundamental entre uma fonte e outra é que quando consultamos fontes primárias estamos lendo o que o autor pensa sobre um determinado assunto. Quando consultamos fontes secundárias, estamos lendo a interpretação dada por aquele que escreve sobre um pensamento original.

entrevistado nesse momento, para acrescentar, retirar ou retificar algo que tenha sido registrado, se porventura constar registros que não confere com aquilo que pretendeu informar.

Procedendo-se dessa forma, estamos validando as informações recolhidas pelas testemunhas, dando um certo grau de confiabilidade ao processo metodológico e, ao mesmo tempo, adotando uma postura ética.

2.4. Descrever e analisar de forma crítica o material coletado

Uma vez selecionado o material, o pesquisador deve proceder à análise crítica das fontes documentais, procurando elaborar esquema que apresente um fio condutor de como os fatos que ocorreram no decorrer do tempo, evitando dar saltos que dificulte a compressão dos mesmos.

Nesse momento do estudo, é importante que se tenha presente que, face ao esquema que adotamos, primeiro se descreve como os fatos ocorreram segundo as informações recolhidas das fontes consultadas, para posteriormente proceder à análise. Quando, ao descrever, colocamos opiniões pessoais ou recheamos com julgamento de mérito, estamos, de certa forma, contaminando as informações recolhidas, o que certamente irá comprometer o trabalho como um todo.

Análise das informações recolhidas deve, entretanto, colocar em evidências os pontos convergentes e divergentes encontrados no rastreamento teórico feito através das fontes documentais. Para tanto, é prudente que o investigador, nesse momento do estudo, atenha-se a terminologia técnica utilizada por uns e outros, procurando extrair os significados que são atribuídos com o decorrer do tempo, e, deve também, criteriosamente verificar se não ocorreram mutações, colocando de manifesto questões pontuais.

2.5. Análise da terminologia técnica

Van Dalen e Meyer dizem que os historiadores que realizam estudos na área da educação se encontram em desvantagem com re-

lação aos científicos que estudam a natureza, uma vez que carecem de um vocabulário técnico preciso, porque muitos termos no âmbito da educação não possuem um significado unívoco e preciso, como, por exemplo: conceitos sobre democracia; métodos diretivo e não diretivos; aprendizagem; plano de estudos; disciplinas etc. É provável que o significado desses termos técnicos difiram ligeiramente ou de forma radical de um contexto a outro.

Tomando apoio nessas inferências, pode-se dizer que a inexistência de um vocabulário técnico definido com clareza e universal pode constituir-se uma dificuldade a mais quando o estudo realizado situa-se no âmbito da história da educação ou das ciências do movimento humano. Nesse caso, é fundamental que o investigador tome algumas precauções, isto é, deve fazer referência das diferentes concepções sobre um mesmo termo, ou, ainda, das limitações da abrangência na definição dos termos utilizados, mas não se olvidar de deixar claro no seu estudo o significado por ele atribuído a esse ou aquele termo, delimitando, nesses casos, a perspectiva teórica que norteará seu pensamento na análise e interpretação das informações.

2.6. Formular hipóteses para explicar os diversos fatos ou condições

O pesquisador fará a formulação de hipótese nesse tipo de investigação no momento que começar a analisar criticamente as informações que dispõe, relacionando sempre com o problema do estudo. Alguns passos podem servir de norte, como:

- a) formular hipóteses precisas sobre a natureza de um sucesso passado;
- b) anotar as possíveis suposições ou inferências que podem elucidar o problema.

Essas estratégias, quando adotadas pelo pesquisador, devem estar ajustadas a temática e, de certa forma, em consonância com os objetivos do estudo, para que não se perca o fio condutor, aspecto esse fundamental de um relatório de dissertação ou de uma tese de doutorado.

Nesse momento do estudo, é importante que se tenha presente que, face ao esquema que adotamos, primeiro se descreve como os fatos ocorreram segundo as informações recolhidas das fontes consultadas, para posteriormente proceder à análise.

2.7. Estabelecer, se for o caso, categorias de análise

Dependendo do que se está estudando, pode ser recomendável estabelecer algumas categorias de análise. Essa estratégia poderá constituir-se em elementos que facilitem a compreensão do estudo e dê mais consistência ao que o pesquisador pretende discutir.

Entendemos, outrossim, que não se constitui em uma exigência metodológica em todos os estudos de perspectiva histórica, entretanto é fundamental uma reflexão sobre a relevância ou não de adotar-se como forma de pontuar questões que mereçam destaque especial.

2.8. Interpretar as descobertas e redigir as conclusões do estudo

A ciência, via de regra, busca generalizações. Por um lado, existem historiadores que pensam que o objetivo final do investigador consiste em formular generalizações de amplo alcance, leis universais e teorias que expliquem muitos fatos e condições singulares, isto é, procuram formular leis que tenham um preciso poder de predição.

Por outro lado, existem historiadores que pensam que a formulação de leis mediante a generalização sofre fatores comuns relacionados com sucessos passados, excede por completo os limites da investigação histórica. Consequentemente, os historiadores que se situam dentro dessa concepção entendem que não é sua função predizer o futuro, analisando fatos passados, isto é, formular indícios de comportamento possíveis mais que prováveis, que apenas têm a capacidade de antecipar e não de predizer e permitem tomar precauções, mas não controlar os fenômenos.

Na opinião de Gardiner, três são os modos característicos na interpretação da história:

1º) uma interpretação da história pode afirmar que uma variável ou um grupo de variáveis são os agentes causais mais importantes;

2º) uma interpretação da história pode afirmar o sentido ou o objetivo da história em geral, mostrando que todas as ocorrências históricas servem a uma meta ou a um ideal final. O autor destaca que, em regra, esse gênero de interpretação da história oferece também uma interpretação da história na primeira acepção, mas vai mais longe do que essa, porque fornece uma justificação moral para o que aconteceu na história;

3º) uma interpretação da história pode dizer-nos qual é o "sentido" ou a "função" de uma dada sequência histórica ou de uma série de instituições.

Queremos chamar a atenção que, nesse tipo de estudo, as informações conclusivas devem ser apresentadas de formas que fique evidente as conclusões do estudo. Se for o caso, de construir ou de estender uma teoria, essa deve estar apresentada de formas que as afirmativas sejam devidamente justificadas, trazendo à discussão os elementos que permitem tais inferências.

A demonstração consiste na dedução, e isso reside num exercício intelectual de interpretação dos fatos descritos. Deve-se evitar que as idéias subordinadas nos afastem do tema, requer que não se perca o fio condutor. As idéias e as opiniões se mantêm com razões, não com verbalismos. O desafio que se impõem ao pesquisador é demonstrar fundamentando sua forma de pensar à luz dos acontecimentos que conseguiu levantar e da forma como ocorreram, sem fazer especulações.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, segundo a dimensão temporal, a finalidade da investigação descritiva é de estudar fenômenos tal como aparecem no presente, isto é, no momento em que se realiza o estudo, e a finalidade da investigação experimental é o pesquisador introduzir mudanças deliberadas com a finalidade de observar os efeitos produzidos, a finalidade da investigação histórica é estudar os fenômenos ocorridos no passado, reconstruindo os acontecimentos e explicando seu desenvolvimento, fundamentando seu significado no contexto onde surgiu. Utiliza o método histórico e se serve de

Deve-se evitar que as idéias subordinadas nos afastem do tema, requer que não se perca o fio condutor. As idéias e as opiniões se mantêm com razões, não com verbalismos.

tudo o tipo de documentos, objetos ou testemunhos que ajudem a reconstrução da história passada.

Travers nos informa que muitas tentativas foram feitas para aplicar os métodos quantitativos à solução de problemas históricos, mas que até o momento a repercussão dessas estratégias não tiveram êxito, ou pelo menos não tem motivado os historiadores em adotá-las.

Conseqüentemente, os estudos históricos permanecem dentro de um nível qualitativo, interpretativo, dialético, que, embora não sejam capazes de prever o futuro, poderão influir sobre as decisões daqueles que detêm esse poder. Os reformadores no campo da Educação Física, provavelmente, poderão descartar muitos planos tidos como inovadores, se compreenderem melhor os fracassos do passado sustentados nas informações em que estudos, dentro de uma perspectiva histórica, podem colocar de manifesto.

BIBLIOGRAFIAS DE APOIO

- Ariès, P. (1992) O tempo da história. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bogdan, R. & Taylor, S.J. (1996) Introducción a la métodos cualitativos de investigación. Barcelona: Paidós Ibérica S.A.
- Borges, S.M.A. (1990) Italianos em Porto Alegre e o movimento operário (1875-1919). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica.
- Cagigal, J.M. (1985) La pedagogía del deporte como educación. Revista de Educación Física. Barcelona: Publicaciones Deportivas S.C., n.3, p.5-11, mayo-junio.
- De Rose, R.F. (1996) Influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no Estado do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Programa Ciências do Movimento Humano. ESEF/UFRGS, 106p.
- Gardiner, P. (1984) Teorias da história. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gauer, R. M. C. (1998) Falar em tempo, viver o tempo. In: Gauer, R. M. G. e Da Silva, M. L. Tempo/História. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.17-40.
- Gaya, A.C.A. (1994) As ciências do desporto nos países de língua portuguesa. Tese doutoral. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

- Gérard, F. (1994) La construcción del conocimiento científico. Madrid: Narcea, S.A.
- Gómez, G.R.; Flores, J.G. & Jiménez, E.G. (1996) Metodología de la investigación cualitativa. Málaga: ALJIBE.
- Lakatos, E.M. & Marconi, M.A. (1991) Metodologia Científica. São Paulo: Atlas.
- Oliveira, P.G. (1987) A imigração alemã e a introdução do punhobol no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Programa de Ciências do Movimento Humano – Universidade Federal de Santa Maria/RS.
- Ruiz, J.A. (1966) Metodologia Científica: guía para eficiencia nos estudos. São Paulo: Atlas.
- Travers, R.M.W. (1971) Introducción a la investigación educacional. Buenos Aires: Paidós.
- Van Dalen, D.B. & Meyer, W.J. (1974) Manual de técnica de la investigación educacional. Buenos Aires: Paidós.
- Vygotski, L.S. (1991) Obras escogidas I (incluye el significado histórico de la crisis de la psicología). Madrid: Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones S.A.
- Walford, G. (1995) La otra cara de la investigación educativa. Madrid: La Muralla.

NOTAS

¹Sugere-se àqueles que pretendem fazer investigações históricas a leitura do texto "Falar em tempo, viver o tempo!", de Ruth Maria Chittó Gauer, publicado no livro *Tempo/História*, editado em Porto Alegre pela EDIPUCRS.

²A entrevista como instrumento de coleta de informação requer uma definição prévia sobre o tipo que será utilizada, ou seja, com perguntas abertas ou fechadas etc. Para isso, é necessário que o pesquisador busque informações consistentes sobre o uso da entrevista e faça um estudo preliminar para certificar-se que servirá como estratégia a ser utilizada.

UNITERMOS

Strito-sensu em Educação Física; pesquisa histórica (estratégias metodológicas).

**Airton Negrine é titular do Departamento de Ginástica e Recreação, professor de Métodos Qualitativos da Investigação e orientador do programa de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS.*

Os reformadores no campo da Educação Física, provavelmente, poderão descartar muitos planos tidos como inovadores, se compreenderem melhor os fracassos do passado sustentados nas informações em que estudos, dentro de uma perspectiva histórica, podem colocar de manifesto.